

OS INSTITUTO
**CIDADE
SEGURA**

INOVAÇÃO EM SEGURANÇA

IPO | 20
Instituto Pesquisas de Opinião ANOS

1º PESQUISA **DE VITIMIZAÇÃO** DE PORTO ALEGRE

APOIO:



SINDICATO DOS
POLICIAIS FEDERAIS DO
RIO GRANDE DO SUL

UGEIRM
SINDICATO
DOS ESCRIVÃES, INSPECTORES E INVESTIGADORES DE POLÍCIA-RS



SINDICATO DOS
POLICIAIS RODOVIÁRIOS FEDERAIS
NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

FICHA TÉCNICA:

PRIMEIRA PESQUISA DE VITIMIZAÇÃO DE PORTO ALEGRE

PÚBLICO-ALVO: Municípios da cidade de Porto Alegre.

PERÍODO DE REALIZAÇÃO: 17 e 28 de outubro de 2017.

TÉCNICA UTILIZADA: Quantitativa probabilística aleatória, com entrevista domiciliar.
Entrevista pessoal (face-to-face), realizadas nos setores censitários da cidade.

TAMANHO DA AMOSTRA: 1.000 entrevistas.

MARGEM DE ERRO E GRAU DE CONFIANÇA: 3,0 pontos percentuais e 95%.

EQUIPE DE PROFISSIONAIS:



Gestão de pesquisa

Marcos Rolim,
Doutor e mestre em Sociologia UFRGS
Especialista Seg.Pública – Oxford University (UK)
Jornalista UFSM



Coordenação

Elis Radmann
Socióloga MTb 721
Especialista Ciência Política UFPEL
Mestre Ciência Política UFRGS

Martinho Orso

Administrador CRA 39.714
Diretor Administrativo e Financeiro

Gisele Miura

Socióloga MTb 764
MBA Marketing UCPEL

Gisele Rodrigues

Socióloga MTb 977
Gerente de pesquisa

Edna Velho

Geógrafa UFPEL
Bacharel em Direito UFPEL
Especialista em Geografia do Brasil UFPEL
Analista de Projetos e Negócios

Erlí Massau

Economista MEC 792
Especialista Administração de Empresas Agroindustriais – FSJT
Mestre em Ciências Econômicas UCPEL

Marcelo do Nascimento

Estatístico – CONRE 9537-A
Pós em Estatística Aplicada UNINOVE

Débora Mello

Graduada em Ciências Sociais UFPEL
Analista de pesquisa

Fábio D'Avila

Publicitário - Comunicação Social UCPEL
Analista de pesquisa

Izan Müller da Silva

Administrador CRA 34.828
Especialista Gestão de Projetos SENAC
Analista de pesquisa

Munike Fernandez

Psicóloga UCPEL
Pós em Desenvolvimento de talentos e gestão de equipes FATEC
Analista de pesquisa

Supervisora de campo

Cátia Silva

Assistentes de pesquisa

Ana Carolina Munchow
Gregory Klain

APOIO:



SINDICATO DOS
POLICIAIS FEDERAIS DO
RIO GRANDE DO SUL



SINDICATO DOS
POLICIAIS RODOVIÁRIOS FEDERAIS
NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

**Relatório da Primeira
Pesquisa de Vitimização de Porto Alegre**

PV.POA I
Versão sintética

Instituto Cidade Segura

Sumário

| | | |
|------|---------------------------------------------------------------------------|----|
| I. | Introdução..... | 5 |
| II. | Vitimização | 8 |
| | a) Vitimização direta..... | 8 |
| | 1. Furto de objeto de valor | 9 |
| | 2. Roubo de objeto de valor..... | 9 |
| | 3. Sequestro | 10 |
| | 4. Fraude em cartão de crédito..... | 10 |
| | 5. Fraude pela Internet | 10 |
| | 6. Golpe dado pelo celular | 11 |
| | 7. Golpe com dinheiro falso | 11 |
| | 8. Outro tipo de fraude..... | 11 |
| | 9. Ameaça de morte | 12 |
| | 10. Ameaça de agressão física..... | 12 |
| | 11. Agressão física | 13 |
| | 11.1 Feridos à faca..... | 13 |
| | 11.2 Feridos à bala..... | 13 |
| | 12. Discriminação | 14 |
| | 13. Assédio sexual..... | 16 |
| | 14. Estupro | 17 |
| | b) Vitimização indireta..... | 17 |
| III. | Percepção dos residentes..... | 18 |
| | a) Sensação de insegurança..... | 18 |
| | 1. Causas da criminalidade..... | 18 |
| | 2. Segurança à noite no bairro onde reside | 19 |
| | 3. Comparação de seu bairro com os demais quanto à segurança..... | 19 |
| | 4. Sensação sobre a violência em Porto Alegre..... | 19 |
| | 5. Razões para se mudar por conta da violência | 19 |
| | 6. Situações de insegurança nos bairros | 20 |
| | 7. Atitudes tomadas pelos residentes para proteção | 21 |
| | 8. Sentimentos produzidos na população pela sensação de insegurança | 23 |
| | 9. Testemunho de consumo de drogas ilícitas..... | 23 |
| | 10. Testemunho de adolescentes consumindo bebidas alcoólicas | 24 |
| | b) Trabalho da Brigada Militar | 24 |
| | 1. Abordados pela Brigada Militar e percepção sobre o tratamento | 24 |
| | 2. Percepção sobre equidade da abordagem | 25 |
| | 3. Quando a Brigada Militar é procurada pelos residentes..... | 25 |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| 4. Avaliação da BM..... | 25 |
| c) Trabalho da Polícia Civil..... | 26 |
| 1. Percepção sobre equidade da abordagem | 26 |
| 2. Quando a Polícia Civil é procurada pelos residentes | 26 |
| 3. Avaliação da Polícia Civil | 27 |
| d) Indicador de confiança nas polícias - ICPol..... | 33 |
| e) Evolução da Segurança Pública nos últimos 12 meses em Porto Alegre | 34 |
| f) Demanda punitiva disseminada e noção de justiça | 34 |
| g) Concordância/discordância sobre afirmações polêmicas | 35 |
| 1. Punição física de crianças..... | 35 |
| 2. Naturalização da violência sexual sobre a mulher | 36 |
| 3. Quotas raciais | 36 |
| 4. Homofobia..... | 36 |
| 5. Legalização da maconha | 37 |
| 6. Execução extrajudicial..... | 37 |
| 7. Porte de armas de fogo..... | 37 |
| 8. Tortura de suspeitos..... | 38 |
| 9. Direitos de crianças e adolescentes | 38 |
| 10. Legalização do aborto | 38 |
| 11. Apreço pela democracia..... | 39 |
| 12. Importância do voto..... | 39 |
| IV. Analisando alguns dados | 40 |
| a) Culpabilização das mulheres pelo estupro | 40 |
| b) Legalização do aborto..... | 41 |
| c) Atribuição de promiscuidade aos homossexuais | 42 |
| d) Legalização da maconha | 43 |
| e) Contrariedade às cotas raciais | 43 |
| f) Execução de suspeitos | 44 |
| g) Acesso a armas de fogo..... | 44 |
| h) Tortura | 44 |
| i) Confiança na democracia..... | 45 |

I. Introdução

O **Instituto Cidade Segura** apresenta, nesse relatório sintético, os principais dados da realidade da vitimização na capital, bem como da percepção dos residentes sobre diversos temas, revelados pela **primeira Pesquisa de Vitimização de Porto Alegre (PV.POA I)**. Para realização do estudo, contratamos o Instituto de Opinião Pública (IPO), com quem já havíamos realizado trabalho semelhante na cidade de Pelotas, no primeiro semestre de 2017.

Esse trabalho se tornou possível graças ao aporte de recursos doados por três entidades sindicais de policiais, o Sindicato dos Policiais Federais (SINPEF-RS), o Sindicato dos Escrivães, Inspetores e Investigadores de Polícia (UGEIRM) e o Sindicato dos Policiais Rodoviários Federais (SINPREF-RS). O **Instituto Cidade Segura** sente-se honrado por essa parceria que atesta o importante compromisso de uma nova geração de policiais em favor de políticas públicas de segurança com base em evidências científicas e de um policiamento orientado por resultados de redução da violência e da criminalidade.

A coleta dos dados da **PV.POA I** foi realizada entre os dias 17 e 28 de outubro de 2017 a partir de questionário com 152 questões. A amostra, quantitativa probabilística aleatória, foi realizada com mil entrevistas domiciliares, nos setores censitários da cidade, em oito regiões (**Região 1**: centro; **Região 2**: Humaitá/ Navegantes/ Ilhas e Noroeste; **Região 3**: Norte e eixo Baltazar; **Região 4**: Leste/ Nordeste; **Região 5**: Glória/ Cruzeiro e Cristal; **Região 6**: Centro-Sul e Sul; **Região 7**: Lomba do Pinheiro/ Partenon e **Região 8**: Restinga/ Extremo-Sul), com residentes maiores de 16 anos, estratificados por sexo, faixas etárias e níveis de renda, reunindo outras variáveis como escolarização, composição étnica e pertencimento a religiões. A margem de erro da amostra é de 3% e seu grau de confiança é de 95%. Os dados apresentados são aqueles que se demonstraram significativos estatisticamente (teste de qui-quadrado, dados com $p < 0,05$). Por isso, por exemplo, não apresentamos dados por região da cidade, vez que apenas os dados agregados “dizem” verdadeiramente algo. Para um exame detido da realidade em cada região precisaríamos de uma amostra muito mais expressiva.

As entrevistas residenciais foram realizadas por duplas de pesquisadores de ambos os sexos, de forma a garantir que os residentes fossem abordados sempre por

pesquisadores do mesmo sexo. Tal providência é particularmente importante quando lidamos com relatos sobre violência doméstica e/ou sexual. Os procedimentos empregados neste estudo, inclusive a decisão de ouvir a população a partir dos 16 anos, seguiram o modelo das pesquisas de vitimização realizadas, desde 1981, no Reino Unido, identificadas, atualmente, como *Crime Survey for England & Wales*¹.

Pesquisas de vitimização são instrumentos imprescindíveis para a elaboração de diagnósticos em Segurança Pública e devem ser realizadas em intervalos regulares com o mesmo questionário básico e metodologia, de forma a se identificar tendências criminais, além das mudanças em outros temas centrais como o medo disseminado socialmente e a percepção da cidadania sobre a atividade das polícias. Sem pesquisas de vitimização, os governos brasileiros e as próprias polícias estruturam seus diagnósticos a partir dos registros efetuados pelas vítimas, especialmente a partir dos Boletins de Ocorrência (B.O.s). O problema, como se perceberá claramente neste trabalho, é que a maioria das vítimas não registra ocorrência. O fenômeno, conhecido como *dark rate* (cifra obscura), dá conta da subnotificação criminal. Em outras palavras, há uma impressionante quantidade de ocorrências criminais que não chegam ao conhecimento do Poder Público e que só podem ser estimadas por pesquisas de vitimização. As vítimas deixam de efetuar o registro policial por muitos motivos, mas o mais impactante deles é a confiança que elas depositam nas polícias. Quanto menor a confiança, maiores as taxas de subnotificação.

Baixa confiança da cidadania nas polícias é um tema que merece especial atenção do Poder Público, porque o fenômeno promove uma das mais importantes circunstâncias para a ineficiência do trabalho policial. Quando as taxas de confiança nas polícias são baixas, as pessoas não informam os policiais sobre o que sabem a respeito de crimes. Informação, como se sabe, é a mais importante arma que um agente encarregado de fazer cumprir a lei precisa ter. Sem informação, os policiais são obrigados a se mover como quem tateia no escuro. Por isso, as polícias mais eficientes do mundo exigem muito na seleção e na formação de seus membros para que as relações dos policiais com as pessoas sejam respeitadas, equitativas e atenciosas. Este é também um tema central nas avaliações de desempenho dessas organizações. Pela mesma razão, uma polícia admirada e respeitada é muitas vezes mais eficiente do que uma polícia temida. Tendo presente essa relevância,

¹ Originalmente, o serviço nacional foi chamado de *British Crime Survey (BCS)*.

construímos, com base na literatura especializada², uma escala para mensuração da confiança dos residentes nas polícias, denominado **Indicador de Confiança Policial (ICPol)**. Neste estudo, aplicamos a escala para a Brigada Militar e para a Polícia Civil, o que originou dois indicadores ICPol-BM e ICPol-PC, respectivamente.

As pesquisas de vitimização costumam colher dados não apenas a respeito das ocorrências criminais (nos últimos 12 meses, como regra), mas também sobre temas como a sensação de insegurança ou medo do crime (*fear of crime*), noções de justiça, intolerância e preconceito e atuação das instituições policiais. Nesta pesquisa, com relação à percepção dos residentes sobre as polícias, formulamos algumas questões que têm sido muito recentemente objeto de interesse em outros países e que envolvem o tema da “Justiça Procedimental” (*Procedural Justice*). O tema permite medir a percepção pública a respeito da equidade (*fairness*) na atuação das polícias, uma exigência republicana por excelência da qual estamos, aparentemente, muito distanciados.

Há muitas informações da pesquisa que não puderam constar nesse texto, porque o tornariam excessivamente longo. As possibilidades de tratamento estatístico do material colhido pela pesquisa, no mais, estão longe de serem esgotadas, o que nos impulsiona a seguir trabalhando a base de dados.

Marcos Rolim

Presidente do Instituto Cidade Segura

² Ver, por exemplo: TYLER, Tom R. and JACKSON, Jonathan. Future challenges in the study of legitimacy and criminal justice, in Justice Tankebe e Alison Liebling (orgs.), **Legitimacy and criminal justice**, Oxford, Oxford University Press, 2013 e TYLER, Tom R. and FAGAN, Jeffrey. Legitimacy and cooperation: Why do people help the police fight crime in their communities?. **Ohio State Journal of Criminal Law**, 6: 231-275, 2008. ZANETIC, André; NATAL, Ariadne L.; MANSO, Bruno P. e OLIVEIRA, Thiago. Legitimidade da polícia: segurança pública para além da dissuasão. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, 16 (4): 148-173, 2016.

II. Vitimização

a) Vitimização direta

A **PV.POA I** investigou a incidência de 14 crimes, questionando os residentes da amostra sobre vitimização ao longo da vida e sobre ocorrências verificadas nos últimos 12 meses.³ Cada uma das perguntas a respeito dos crimes abre um leque de outras questões, especialmente a respeito da providência do registro e dos casos de vitimização repetida. Para determinados crimes, o estudo colheu informações específicas sobre as relações da vítima com o autor, sobre a presença de armas de fogo e sobre a produção de ferimentos.

Os crimes selecionados para esse estudo foram:

1. Furto de objeto de valor;
2. Roubo de objeto de valor;
3. Sequestro;
4. Fraude em cartão de crédito;
5. Fraude pela internet (tentada e consumada);
6. Golpe dado pelo celular (tentado e consumado);
7. Golpe com dinheiro falso;
8. Outro tipo de fraude (tentada e consumada);
9. Ameaça de morte;
10. Ameaça de agressão física;
11. Agressão física;
12. Discriminação;
13. Assédio sexual;
14. Estupro.

Para projeção dos dados da **PV.POA I** no universo populacional, decidimos não lidar com os dados do último censo do IBGE que é de 2010. Para uma estimativa mais aproximada da população maior de 16 anos (e de 18 anos, quando foi o caso), partimos da estimativa da Fundação de Economia e Estatística (FEE) realizada em

³ Para efeito de comparação com alguns dos registros policiais, tomaremos como referência os dados consolidados pela Secretaria de Segurança Pública no período compreendido entre 1º de outubro de 2016 e 30 de setembro de 2017, 12 meses anteriores à pesquisa.

2016. Pelo censo de 2010, Porto Alegre tinha uma população maior de 16 anos de 1.124.778 pessoas. Pela estimativa da FEE, esse número é de **1.192.749**, sendo que, para a população total, são 685.045 residentes do sexo masculino e 794.232, do sexo feminino.

1. Furto de objeto de valor



35% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já tiveram algum bem de valor furtado ao longo de suas vidas, excluído veículos automotores. Entre os que já foram atingidos por esse crime, 38,1% foram furtados uma vez, mas 31,4% já passaram pela experiência duas vezes; 13,3%, três vezes e 6,8% quatro vezes. Nos últimos 12 meses, 14,5% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, o que significa **mais de 170 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 46,2% das vítimas não registraram ocorrência. Os registros oficiais nos 12 meses anteriores à pesquisa somam 27.824 ocorrências de furto em Porto Alegre, o que sugere subnotificação bem maior do que a declarada. Quanto ao perfil das vítimas, o furto de objeto de valor atinge mais amplamente as camadas de renda média e alta. As vítimas se concentram desproporcionalmente na faixa etária dos 25 aos 34 anos e entre as pessoas de 35 a 44 anos.

2. Roubo de objeto de valor



32,5% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já tiveram algum bem de valor roubado ao longo de suas vidas, excluído veículos automotores. Entre os que já foram atingidos por esse crime, 51,1% foram roubados uma vez, mas 24% já passaram pela experiência duas vezes e 15,4%, três vezes. Nos últimos 12 meses, 14,7% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, o que significa **mais de 170 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 41,5% das vítimas não registraram ocorrência. 73,5% das vezes, o crime ocorreu na rua; 10,9% na casa da vítima; 4,1% no interior de estabelecimento comercial; 6,1% no local de trabalho e 5,4% das vezes no interior do transporte coletivo. Os registros oficiais de roubo em Porto Alegre nos 12 meses anteriores à pesquisa somam 34.811 ocorrências, o que sugere subnotificação maior do que a declarada. Quanto ao perfil das vítimas, o roubo de objeto se distribui com pequena variação entre todas as faixas salariais, com predominância entre as menores faixas salariais (77% das vítimas ao longo da vida foram roubadas na rua e ganham entre um e dois salários mínimos). As vítimas com renda superior a seis salários mínimos são mais frequentemente atingidas por esse

delito no interior de estabelecimentos comerciais e no trabalho. Não se observou diferença estatisticamente significativa entre as vítimas de acordo com suas faixas etárias.

3. Sequestro



1,2% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre foram vítimas de sequestro ao longo de suas vidas. Nos últimos 12 meses, 0,1% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, sendo a incidência muito pequena para que se possa fazer projeções e analisar variáveis.

4. Fraude em cartão de crédito



7,5% dos residentes maiores de idade em Porto Alegre já foram vitimados por fraude em cartão de crédito ao longo de suas vidas como clonagem do cartão e compras não autorizadas. Entre os que já foram atingidos por esse crime, 66,7% foram fraudados uma vez, mas 22,7% já passaram pela experiência duas vezes e 8%, três vezes. Nos últimos 12 meses, 2,8% dos residentes maiores de idade foram vítimas desse delito, o que significa, aproximadamente, **32 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 53,6% das vítimas não registraram ocorrência. Quanto ao perfil das vítimas, a fraude em cartão de crédito atinge mais amplamente as camadas de renda média e alta. As vítimas se concentram na faixa etária dos 25 aos 59 anos.

5. Fraude pela Internet



5,1% dos residentes maiores de idade em Porto Alegre já foram vitimados por fraude pela Internet ao longo de suas vidas. Entre os que já foram atingidos por esse crime, 62,7% foram fraudados uma vez, mas 25,5% já passaram pela experiência duas vezes e 9,8%, três vezes. Nos últimos 12 meses, 2,1% dos residentes maiores de idade foram vítimas desse delito, o que significa, aproximadamente, **24 mil pessoas**. Nesse período de 12 meses, em 61,9% das vezes o crime foi apenas tentado. 90,5% das vítimas não registraram ocorrência.

6. Golpe dado pelo celular



27,1% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram vítimas de golpes dados pelo celular como sequestro falso de parente, prêmio falso, negócio inexistente etc. ao longo de suas vidas. Nos últimos 12 meses, 15,3% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, o que significa **mais de 180 mil pessoas**. Nesse período de 12 meses, em 90,4% das vezes o crime foi apenas tentado. 90,8% das vítimas não registraram ocorrência.

7. Golpe com dinheiro falso



23,8% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram vítimas de golpe com dinheiro falso ao longo de suas vidas. Nos últimos 12 meses, 11,5% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, o que significa, aproximadamente, **137 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 92,2% das vítimas não registraram ocorrência. Quanto ao perfil das vítimas, o golpe atinge mais amplamente as camadas de renda média e alta. As vítimas se concentram na faixa etária dos 25 aos 39 anos. A pesquisa encontrou neste item dados muito preocupantes que deveriam mobilizar uma atenção especial das polícias. Golpes com notas falsas promovem danos consideráveis e é preciso enfrentar o problema com uma política específica⁴. É provável que a subnotificação esteja associada à decisão das vítimas de “passar a nota falsa adiante”, o que ampliaria o círculo de pessoas atingidas.

8. Outro tipo de fraude



5,18% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram vítimas de outro tipo de fraude ao longo de suas vidas. Nos últimos 12 meses, 1,2% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, sendo a incidência muito pequena para projeção e análise de variáveis. Se tomarmos o conjunto de relatos positivos para fraudes nos últimos 12 meses, teremos aproximadamente **370 mil incidentes** em Porto Alegre com esse tipo de crime em suas formas tentada e consumada. Como há casos de múltiplas vitimizações, o número de pessoas atingidas é necessariamente menor. Ainda assim, estamos diante de um dado que impressiona

⁴ Ver, por exemplo, a abordagem da ONG britânica *Crime Stoppers* em: <https://goo.gl/Y6BfcS>

e que confirma tendência já identificada em pesquisas recentes em outros países. A mais recente pesquisa de vitimização na Inglaterra e País de Gales (*Crime Survey for England and Wales – CSEW, 2017*, relatório disponível em: <https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/crimeandjustice/bulletins/crimeinenglandandwales/june2017>), por exemplo, assinala o crescimento dos casos de fraude, com 3,3 milhões de ocorrências, sendo que mais da metade delas estão relacionadas à Internet. Também lá, a subnotificação é muito alta para esse tipo de crime e as polícias terminam não se envolvendo suficientemente com o tema.⁵

9. Ameaça de morte



14,3% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram ameaçados de morte ao longo de suas vidas. Entre os que foram ameaçados, 45,5% tiveram uma experiência do tipo, mas 21,7% foram ameaçados duas vezes e 7% três vezes. Nos últimos 12 meses, 6,5% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, o que significa, aproximadamente, **77 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 65% das vítimas não registraram ocorrência. Entre as vítimas que registraram ocorrência, se observou um percentual de mulheres igual ao dobro dos homens. As vítimas, entretanto, são, predominantemente, do sexo masculino. São também, em sua maioria, jovens, com maior incidência na faixa dos 18 aos 39 anos.

10. Ameaça de agressão física



19,4% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram ameaçados de agressão física ao longo de suas vidas. Nos últimos 12 meses, 8% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, aproximadamente **95 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 65% das vítimas não registraram ocorrência. As vítimas são, predominantemente, do sexo masculino; são jovens, com maior incidência na faixa dos 18 aos 39 anos.

⁵ **O relatório assinala:** *Experimental Statistics from the CSEW estimated that there were 3.3 million incidents of fraud in the survey year ending June 2017, with over half of these (57%; 1.9 million incidents) being cyber-related. The main difference between CSEW and NFIB fraud data arises from the fact that most fraud offences do not come to the attention of the police. As a result, police recorded crime data give a very partial picture of the extent of fraud, while CSEW estimates provide a more complete picture of the threat.*

11. Agressão física



12,1% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram agredidos fisicamente ao longo de suas vidas a ponto de ficarem com marcas pelo corpo, ferimentos ou fraturas. Entre os que sofreram esse tipo de violência, 50,4% das vítimas relataram uma experiência; mas 20,7% relataram duas e 10,7%, três. Em 22,3% das vezes, o agressor portava uma arma de fogo. Nos últimos 12 meses, 4% dos residentes maiores de dezesseis anos, aproximadamente **47 mil pessoas**, foram vítimas desse delito. Quanto a esses casos, 57,5% das vítimas não registraram ocorrência. As vítimas de agressões físicas se concentram na faixa de 1 a 2 salários mínimos e os agressores são homens em sua grande maioria. Homens e mulheres são agredidos fisicamente, mas com uma importante diferença no perfil dos agressores: no caso dos homens, os agressores são em 56,9% das vezes desconhecidos e em 23,1% das vezes “conhecidos de vista”. Já entre as mulheres, os desconhecidos agressores são 26,8% dos casos e os “conhecidos de vista” são 5,4%. Os homens que agredem fisicamente as mulheres são em 48,6% das vezes pessoas com quem elas mantinham ou mantêm relações amorosas (seus ex-companheiros, 25%; seus maridos, 16,1% e seus ex-namorados, 7,6%). Uma experiência que, a rigor, não se verifica com os homens. Na amostra, entre os homens agredidos, apenas 3,1% o foram por ex-companheiras. Não houve um único registro de agressão física praticada por companheira ou ex-namorada.

11.1 Feridos à faca

3,4% das vítimas de agressão física entre os residentes maiores de 16 anos já foram feridos à faca ao longo de suas vidas. Para 67,6% dos feridos essa foi uma experiência única, mas 23,5% deles foram feridos duas vezes e 5,9%, três vezes. Nos últimos 12 meses, isso ocorreu com 0,6% da amostra, sendo a incidência muito pequena para projeções e análise de variáveis.

11.2 Feridos à bala

2,5% das vítimas de agressão física entre os residentes maiores de 16 anos já foram feridos à bala ao longo de suas vidas. Para 76% dos feridos essa foi uma experiência única, mas há casos de baleados duas, três e quatro vezes, sendo a incidência muito pequena para projeções e análise de variáveis.

12. Discriminação



20,4% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre (**243 mil pessoas**) já sofreram algum tipo de discriminação ao longo de suas vidas. Entre os que sofrem esse tipo de violência, é comum a múltipla vitimização. Nos últimos 12 meses, 11,8% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, o que significa, aproximadamente, **140 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 94,9% das vítimas não registraram ocorrência. As vítimas se concentram entre os jovens mais pobres e são, predominantemente, negros e pardos. O tipo mais comum de discriminação é o racismo (44,1% entre os que foram discriminados), sendo negros e pardos os atingidos. Ser pobre aparece como a segunda circunstância de discriminação (24,5%). Na sequência, aparecem com destaque os temas da discriminação por sexo (14,2%), por ser gordo (11,3%), pela idade (9,3%), pela religião (8,8%) e por homofobia (7,8%). Alguns outros temas apontados pelos entrevistados como “aparência”, “profissão”, “escolaridade” e “região onde mora” parecem reforçar o tema da discriminação por preconceito social. 2,5% dos entrevistados relataram terem sofrido discriminação por serem pessoas com deficiência.

| TIPO DE EXPERIÊNCIA DE DISCRIMINAÇÃO RELATADAS PARA OS ÚLTIMOS 12 MESES | Número | % dentre aqueles que sofreram discriminação (204 casos) | % do total da amostra (1000 casos) |
|--------------------------------------------------------------------------------|---------------|----------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| Por sua raça | 90 | 44,1 | 9,0 |
| Por ser pobre | 50 | 24,5 | 5,0 |
| Por ser mulher/ homem*** | 29 | 14,2 | 2,9 |
| Por ser gordo (a) | 23 | 11,3 | 2,3 |
| Por sua idade | 19 | 9,3 | 1,9 |
| Pela sua religião | 18 | 8,8 | 1,8 |
| Por sua orientação sexual (homofobia) | 16 | 7,8 | 1,6 |
| Pela região onde mora | 14 | 6,9 | 1,4 |
| Por sua ideologia ou simpatia política | 11 | 5,4 | 1,1 |
| Pela aparência (roupas/ aparência) | 9 | 4,4 | 0,9 |
| Por sua escolaridade | 8 | 3,9 | 0,8 |
| Por ter uma doença | 5 | 2,5 | 0,5 |
| Pela profissão (merendeira/ vigilante/ tratamento de dependentes) | 4 | 2,0 | 0,4 |
| Por ser magra | 3 | 1,5 | 0,3 |
| Por ser pessoa com deficiência | 5 | 2,5 | 0,5 |
| Por ser loira | 2 | 1,0 | 0,2 |
| Pela filha ser deficiente | 1 | 0,5 | 0,1 |
| Por acharem que é posseira | 1 | 0,5 | 0,1 |
| Por estar grávida | 1 | 0,5 | 0,1 |
| Xenofobia | 1 | 0,5 | 0,1 |
| Por ser baixo | 1 | 0,5 | 0,1 |
| Por ser do interior | 1 | 0,5 | 0,1 |
| Foi impedido de entrar no banco por ter pino de metal | 1 | 0,5 | 0,1 |
| Não informou | 5 | 2,5 | 0,5 |
| NUMERO TOTAL DE RESPOSTAS | 318 | | |

***Dentre os 29 casos de discriminação por ser mulher/homem, 26 casos foram relatados por MULHERES. Assim, 26 casos (ou 12,7% dentre as pessoas que relataram discriminação e 2,6% da amostra total) sofreram discriminação decorrente de machismo.

13. Assédio sexual



13% dos residentes maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram assediados sexualmente ao longo de suas vidas. Entre os que sofrem esse tipo de violência, 38,5% tiveram uma única experiência, mas 26,2% foram assediados duas vezes e 11,5%, três vezes. Nos últimos 12 meses, 3,6% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, o que significa, aproximadamente, **28 mil pessoas**. Quanto a esses casos, 88,9% das vítimas não registraram ocorrência. As vítimas se concentram entre mulheres jovens não brancas. 35,1% das mulheres da amostra já foram importunadas, ao longo da vida, por comentários de intenção sexual ao se deslocar pela cidade em algum meio de transporte. Essa experiência ocorreu 79,3% das vezes em um ônibus; em 17,1% em serviços por aplicativo e 5,9% em um táxi. Nesses casos, 96,3% das vítimas não registraram ocorrência. Entre as mulheres da amostra, 37,7% recebeu comentários desrespeitosos de sentido sexual nos últimos 12 meses (aproximadamente **238 mil mulheres**). No mesmo período, 13,4% das mulheres residentes maiores de 16 anos (aproximadamente, **84 mil mulheres**) foram submetidas à experiência de alguém passar a mão em seus seios, nádegas ou órgão sexual sem sua autorização; 7,5% das mulheres (aproximadamente **47 mil mulheres**) foram agarradas e/ou beijadas à força e 2,2% das mulheres (aproximadamente **13 mil mulheres**) relataram que alguém tentou se aproveitar delas quando estavam alcoolizadas.

Pergunta feita para 536 mulheres entrevistadas (53,6% da amostra).

| SITUAÇÕES DE ASSEDIO | Número | % de mulheres que já sofreram esse tipo de assedio |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|------------|----------------------------------------------------|
| Alguém passou a mão em seu corpo (seios, nádegas, órgão sexual) sem o seu consentimento | 72 | 13,4 |
| Foi agarrada / beijada sem o seu consentimento, isto é, à força, em qualquer situação | 40 | 7,5 |
| Recebeu comentários desrespeitosos de sentido sexual | 202 | 37,7 |
| Tentaram se aproveitar de você por estar alcoolizada? | 12 | 2,2 |
| Nenhum | 293 | 54,7 |
| NUMERO TOTAL DE RESPOSTAS | 619 | |

14. Estupro



3,7% das pessoas maiores de 16 anos em Porto Alegre já foram estupradas ao longo de suas vidas (o que significa, aproximadamente, **44 mil pessoas**), uma humilhação que atinge quase que exclusivamente as mulheres. Entre as que sofrem esse tipo de violência, 37,8% relataram um caso, mas 29,7% das vítimas foram violadas duas vezes, tendo se verificado na amostra alta incidência de múltipla vitimização (8,1% das vítimas relataram pelo menos 20 casos de violação sexual). Nos últimos 12 meses, 1% dos residentes maiores de dezesseis anos foram vítimas desse delito, sendo a incidência muito pequena para projeções e análise de variáveis.

b) Vitimização indireta

23,4% dos residentes maiores de 16 anos já tiveram, ao longo de suas vidas, a experiência de um familiar assassinado, o que significa, aproximadamente, **279 mil pessoas**. Homens foram, em maior proporção, vítimas de assassinato. De 256 casos relatados, 90,2% são homens; 9,8% são mulheres. Os que relataram essa experiência são, em sua maioria, pobres (30,4% na faixa de 1 a 2 salários mínimos) jovens (34,5% entre 18 e 24 anos), negros e pardos (75%). A maior parte dos relatos é de perda de um primo/prima (35,9%), de um tio/tia (20,1%), de um irmão/irmã (17,9%) e de um sobrinho/a (15,8%). 7,7% entre os que perderam um parente relataram ter tido o pai ou a mãe assassinados e 3,8%, um filho ou filha

III. Percepção dos residentes

a) Sensação de insegurança

1. Causas da criminalidade

As causas mais citadas pelos entrevistados estão dispostas no quadro abaixo. Esta foi uma questão de escolha múltipla, podendo os entrevistados apontar até três opções.

| CAUSAS DA CRIMINALIDADE | Número | % de entrevistados que citaram o item |
|------------------------------------------------------------|-------------|---------------------------------------|
| Mau exemplo dado por políticos e governantes | 549 | 54,9 |
| Impunidade ou penas muito leves | 421 | 42,1 |
| Presídios superlotados que funcionam como escolas do crime | 300 | 30,0 |
| Tráfico de drogas | 261 | 26,1 |
| Desemprego | 229 | 22,9 |
| Baixa escolarização | 218 | 21,8 |
| Falta de educação nas famílias | 175 | 17,5 |
| Uso de drogas | 163 | 16,3 |
| Falta de policiais nas ruas | 149 | 14,9 |
| Miséria | 140 | 14,0 |
| Famílias desestruturadas | 131 | 13,1 |
| Ausência de disciplina nas escolas | 59 | 5,9 |
| Banalização da violência pela mídia | 43 | 4,3 |
| Uso de bebidas alcoólicas | 39 | 3,9 |
| Más companhias | 21 | 2,1 |
| Caráter | 1 | 0,1 |
| Falta de educação | 1 | 0,1 |
| Falta de oportunidade para ex-presidiários | 1 | 0,1 |
| Pouca assistência social | 1 | 0,1 |
| NUMERO TOTAL DE RESPOSTAS | 2902 | |

2. Segurança à noite no bairro onde reside

50,2% dos residentes consideram que o seu bairro é “muito inseguro” à noite e **24,4%** o consideram “um pouco inseguro”, com as mulheres se sentindo mais inseguras.

3. Comparação de seu bairro com os demais quanto à segurança

Para **58,9%** dos residentes maiores de 16 anos, o bairro onde vivem é tão inseguro quanto a maior parte dos bairros de Porto Alegre. Para **18,4%** da amostra, seu bairro é mais inseguro do que a maior parte dos bairros.

4. Sensação sobre a violência em Porto Alegre

82,5% dos residentes consideram que Porto Alegre é uma cidade bastante violenta. Os cruzamentos realizados com as vítimas de crimes demonstraram que as pessoas que já foram vítimas de roubo ou que tiveram um familiar assassinado avaliam a cidade como mais violenta do que os residentes que não passaram por essas experiências.

5. Razões para se mudar por conta da violência

56,6% dos residentes maiores de 16 anos relataram não terem razões para se mudar de Porto Alegre por conta dos riscos que sofrem. Os números são menores do que os registrados, em média, em outras cidades brasileiras (**65,5%**), mas são bem maiores quanto aos percentuais dos que gostariam de sair do Brasil por conta da violência. Na amostra, **11,8%** gostariam de sair do Brasil (contra uma média de **1,8%** nas demais cidades brasileiras). A opção de mudança para o exterior aparece, como se poderia prever, concentrada nos extratos economicamente mais privilegiados e entre os jovens com formação superior. Nos estudos criminológicos contemporâneos, a vontade de mudar de residência por conta da violência é um dos indicadores importantes a respeito da sensação de insegurança ou medo do crime. O medo produz muitos efeitos criminogênicos como, por exemplo, não ocupar mais os espaços públicos à noite, o que facilita que pessoas dispostas a praticar atos ilícitos terminem ocupando essas áreas. O desejo de se mudar acarreta o efeito indesejado dos residentes não mais cuidarem e/ou investirem na região, o que reforça as dinâmicas do abandono.

6. Situações de insegurança nos bairros

A **PV.POA I** solicitou aos entrevistados que assinalassem, em questão de múltipla escolha, entre situações correlacionadas à insegurança, quais eram comuns em seu bairro. Os resultados estão dispostos no quadro abaixo:

| SITUAÇÕES CRIMINOGENICAS | Número | % de entrevistados que citaram o item |
|----------------------------------------------------------------------|-------------|---------------------------------------|
| Barulho de tiros | 420 | 42,0 |
| Terrenos baldios (sem cuidado, com grama alta, lixo, etc) | 308 | 30,8 |
| Brigas de rua | 262 | 26,2 |
| Prédios, casas ou galpões abandonados | 242 | 24,2 |
| Pessoas fazendo arruaça, danificando patrimônio público | 240 | 24,0 |
| Ruas sem iluminação | 225 | 22,5 |
| Pontos de venda de drogas ilegais (bocas de fumo) | 188 | 18,8 |
| Pessoas armadas com fuzis nas ruas | 124 | 12,4 |
| Pessoas vivendo e dormindo nas ruas | 106 | 10,6 |
| Gente bêbada pelas ruas | 68 | 6,8 |
| Música alta, ruídos ou gritaria perturbando a vizinhança | 65 | 6,5 |
| Adolescentes (de 12 a 18 anos incompletos) usando bebidas alcoólicas | 52 | 5,2 |
| Crianças brincando na rua sem serem cuidadas por adultos | 43 | 4,3 |
| Adolescentes (de 12 a 18 anos incompletos) portando armas de fogo | 36 | 3,6 |
| Pessoas com problemas de doença mental sem tratamento | 30 | 3,0 |
| Esgoto correndo a céu aberto | 26 | 2,6 |
| Crianças (até 12 anos incompletos) usando bebidas alcoólicas | 20 | 2,0 |
| Pessoas se prostituindo nas ruas | 15 | 1,5 |
| Policiais sendo corrompidos, recebendo dinheiro de traficantes | 8 | 0,8 |
| Crianças (até 12 anos incompletos) portando armas de fogo | 7 | 0,7 |
| Homens que espancam suas companheiras | 6 | 0,6 |
| Policiais ameaçando e/ou agredindo pessoas | 3 | 0,3 |
| Crianças maltratadas pelos pais ou cuidadores | 2 | 0,2 |
| Não sabe | 38 | 3,8 |
| NUMERO TOTAL DE RESPOSTAS | 2534 | |

42% de respostas positivas para “tiros na rua” são, aproximadamente, **500 mil pessoas** na capital que convivem com essa experiência, o que oferece uma ideia mais aproximada e real do que é o risco na cidade. 24% dos entrevistados que marcaram “pessoas fazendo arruaça, danificando patrimônio público” significa mais de 286 mil pessoas. Considerando os residentes que assinalaram “música alta, ruídos ou gritaria perturbando a vizinhança” (6,5%) e que não marcaram a opção anterior, temos 28,5% da amostra que sofre com importunação do sossego, o que é, aproximadamente, **340 mil pessoas**. Tais alternativas chamam a atenção para algo quase nunca considerado como um ponto importante para a segurança pública e dá conta de um cotidiano de milhares de munícipes atormentados por atos de incivilidade urbana e que não encontram no Poder Público e nas polícias, como regra, qualquer resposta capaz de lhes assegurar sossego e paz.

7. Atitudes tomadas pelos residentes para proteção

77,1% dos residentes maiores de 16 anos evitam sair de casa à noite (o que é, aproximadamente, **920 mil pessoas**) e 72,5% (**864 mil**) procuram não portar dinheiro ou objetos de valor na rua. Chama atenção o percentual de 12,6% de residentes que procuram não andar de ônibus por receio de roubos. Isso significa **150 mil pessoas**, o que, muito provavelmente, tem contribuído para o fenômeno da redução do número de passageiros nesse tipo de transporte. As atitudes que os residentes têm tomado estão dispostas no quadro abaixo:

| ATITUDES PARA AUMENTAR A SEGURANÇA | Número | % de entrevistados que citaram o item |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|---------------------------------------|
| Evito sair de casa à noite, ou chegar muito tarde em casa | 771 | 77,1 |
| Evito sair de casa com dinheiro ou objetos de valor | 725 | 72,5 |
| Deixo, algumas vezes, de participar de reuniões ou de eventos que me interessam | 231 | 23,1 |
| Reforcei a segurança da casa com trancas, muros, alarmes, câmeras, etc | 147 | 14,7 |
| Evito andar de ônibus | 126 | 12,6 |
| Procuro só fazer compras em Shoppings | 70 | 7,0 |
| Passei a usar um cão para guarda da casa | 50 | 5,0 |
| Não toma nenhuma atitude | 20 | 2,0 |
| Passei a participar de esquema de vigilância da casa com vizinhos, grupos no <i>WhatsApp</i> , etc | 17 | 1,7 |
| Contratei vigias comunitários ou empresa de segurança privada | 13 | 1,3 |
| Comprei arma de fogo | 4 | 0,4 |
| A violência ainda não atingiu | 1 | 0,1 |
| Apenas se cuida mais | 1 | 0,1 |
| Chama a polícia | 1 | 0,1 |
| Evita sair de carro | 1 | 0,1 |
| Não informou | 1 | 0,1 |
| NUMERO TOTAL DE RESPOSTAS | 2179 | |

Homens sentem-se mais seguros ao andar a noite em seu próprio bairro, se comparados às mulheres⁶. Abaixo a distribuição das respostas da questão sobre sensação de segurança, pelo sexo dos entrevistados⁷:

| | Maior sensação de segurança | Menor sensação de segurança | Total |
|----------|-----------------------------|-----------------------------|--------|
| Homens | 31,0 | 69,0% | 100,0% |
| Mulheres | 20,0% | 80,0% | 100,0% |

Idade, cor, renda familiar não apresentaram diferença estatisticamente significativa entre os grupos (sig > 0,05). As respostas a essa questão sugerem um fortíssimo impacto na vida social, cultural e no comércio da cidade, especialmente à noite, produzido pelo medo disseminado.

⁶ Teste utilizado: Regressão Logística. Significância do modelo = 0,000.

⁷ As variáveis foram construídas da seguinte forma, considerando a P87 do questionário: Opção 1 e Opção 2 = Maior sensação de segurança; Opção 3 e opção 4 = Menor sensação de segurança.

8. Sentimentos produzidos na população pela sensação de insegurança

33,9% dos residentes (**404 mil pessoas** aproximadamente) já enfrentaram sentimentos de ansiedade por conta de riscos a sua segurança; 33,2% (**395 mil**) experimentaram pânico por imaginar que um familiar poderia ser vítima de um crime; 23,0% dos residentes (**274 mil**) já tiveram dificuldades de dormir por preocupação com segurança pessoa ou familiar e 7% (**83 mil**) já tiveram pesadelos com cenas de violência. Tais sentimentos atingem bem mais as mulheres do que os homens e são mais frequentes entre negros e pardos.

| SITUAÇÕES | Número | % de entrevistados que citaram o item |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-------------|---------------------------------------|
| Nenhuma | 418 | 41,8 |
| Sentimento de aguda ansiedade por conta de riscos à sua segurança. | 339 | 33,9 |
| Sentimento de pânico por imaginar que um familiar poderia ser vítima de algum crime. | 332 | 33,2 |
| Dificuldade de dormir por conta de preocupação com segurança pessoal ou de familiar. | 230 | 23,0 |
| Pesadelo com cenas de violência. | 70 | 7,0 |
| NUMERO TOTAL DE RESPOSTAS | 1389 | |

9. Testemunho de consumo de drogas ilícitas

83,6% dos entrevistados relataram ter presenciado consumo de drogas ilícitas em Porto Alegre nos últimos 12 meses, o que significa, aproximadamente, **um milhão de pessoas**. Os homens e os mais jovens testemunham com mais frequência esse tipo de prática. Os dados sugerem que o consumo de drogas ilícitas, especialmente a maconha (que responde por 70,5% dos relatos), é prática generalizada em todas as classes sociais (com pequena preponderância entre os mais pobres para o consumo de crack) e regiões, sendo que, das pessoas que testemunharam o consumo apenas 2,3% declararam ter visto apenas uma vez. 18,7% testemunharam de 2 a 5 vezes; 21,1% relataram ter presenciado de 6 a 10 vezes e 58% dos entrevistados testemunharam o consumo, nos últimos doze meses, inúmeras vezes (mais de 10 vezes).

10. Testemunho de adolescentes consumindo bebidas alcoólicas

72,9% dos residentes maiores de 16 anos testemunharam adolescentes consumindo bebidas alcoólicas em Porto Alegre nos últimos 12 meses, o que significa, aproximadamente, **870 mil pessoas**. Os mais jovens e aqueles com menor nível de escolarização presenciaram essa prática mais vezes. Esses dados também revelam a extraordinária incidência de uma conduta, disseminada em todas as regiões da cidade e que, estranhamente, não tem gerado qualquer alarme social.

b) Trabalho da Brigada Militar

1. Abordados pela Brigada Militar e percepção sobre o tratamento

Nos últimos 12 meses, 17,9% dos residentes foram abordados por policiais militares em Porto Alegre, o que significa **213 mil pessoas**, aproximadamente. Os mais jovens são muito mais abordados, sendo que a faixa dos 18 aos 24 concentra 32,4% das respostas positivas, contra 8% das pessoas acima de 59 anos. A população de negros e pardos é desproporcionalmente abordada, com 50,6% dos relatos. Entre os que foram abordados pela PM, 68,2% responderam que foram tratados de forma respeitosa pelos policiais. Para 31,8% dos abordados, a abordagem foi desrespeitosa. Entretanto, para 50,1% dos entrevistados, os PMs agem comumente de forma desrespeitosa e violenta, mesmo em situações onde não é necessária uma postura mais vigorosa, e não são, como regra, punidos por isso. 35,3% entendem que os PMs não são violentos e que agem comumente de forma respeitosa com as pessoas, sendo que eventuais situações de abuso de autoridade são prontamente investigadas e seus autores punidos. As avaliações mais críticas estão entre os jovens, particularmente na faixa de 18 a 24 anos (52,5% de avaliação negativa, com 17,1% de avaliações negativas entre os que possuem mais de 59 anos) e entre as pessoas com nível fundamental (42% de avaliações negativas com 30,7% de avaliações negativas entre os que possuem formação superior). As avaliações negativas entre os que foram abordados por PMs também se concentram entre os jovens. Para a faixa dos 16 e 17 anos, 60% dos abordados relata que não foram tratados de forma respeitosa pelos policiais. A melhor avaliação está, no outro extremo, entre os que possuem mais de 59 anos. Nessa faixa etária, 86,7% dos entrevistados avaliaram terem sido tratados respeitosamente. Entre os que possuem formação superior, 75,7% avaliaram positivamente a abordagem policial, mas entre os que possuem apenas o nível fundamental, as avaliações se dividem com 50% de relatos positivos e 50% negativos. Os brancos também avaliam melhor a experiência de abordagem pelos PMs (77,1% de avaliações positivas), quando comparados com os negros (54,5%) e com os pardos (57,7%).

2. Percepção sobre equidade da abordagem

Entre os residentes que foram abordados por PMs nos últimos 12 meses, 61,1% entendem que foram tratados de maneira imparcial, ou seja, que qualquer pessoa seria tratada pelos policiais da mesma forma. Para 36,9%, a abordagem não seria a mesma fossem outras as pessoas. Neste ponto, mais ainda do que no anterior, os jovens entendem que foram tratados de maneira não equitativa (80% na faixa de 16 a 17 anos têm essa percepção), enquanto as avaliações mais favoráveis estão entre os mais velhos (para a faixa acima dos 59 anos, 80% entendem que abordagem foi equitativa). Entre os abordados que possuem nível superior, 70,3% avaliam a abordagem como equitativa, contra 42,6% dos com nível fundamental que têm a mesma opinião.

3. Quando a Brigada Militar é procurada pelos residentes

Nos últimos 12 meses, 21,4% dos entrevistados (aproximadamente, **250 mil pessoas**) procuraram a Polícia Militar de alguma maneira, incluindo chamadas ao 190. Pessoas com formação superior e renda entre 3 e 5 salários procuraram o auxílio da PM com mais frequência. Entre aqueles que procuraram auxílio da PM, 47,7% se declararam insatisfeitos com o atendimento recebido; 34,6% se declararam satisfeitos e 17,8% se declararam “nem satisfeitos nem insatisfeitos”. 1/3 das pessoas que procuraram a PM entendem que suas perguntas não foram respondidas de forma satisfatória. 56,3% dos que procuraram a PM entendem que a instituição não tem realizado um bom trabalho com os residentes do seu bairro para resolver problemas, contra 43,7% que entendem que a PM tem realizado esse trabalho a contento. As mulheres são, nesse quesito, mais críticas que os homens. Para 56,4% dos residentes, a PM não tem obtido bons resultados em seu trabalho, nem contribuído para a redução do crime, contra 43,6% que entendem, pelo contrário, que a PM tem obtido bons resultados e contribuído para a redução do crime. Os jovens são os que avaliam de forma mais negativa o trabalho da PM. As avaliações também são mais favoráveis à PM entre os que possuem formação superior. A experiência de ter sido vítima de roubo, de ter sido agredido e/ou de ter um familiar assassinado não influencia negativamente na avaliação dos residentes sobre o trabalho da PM. Pelo contrário, entre as vítimas desses crimes, as avaliações sobre a PM são ligeiramente superiores à média.

4. Avaliação da BM

Para 62,2% dos entrevistados, não há como esperar que os PMs estarão disponíveis quando as pessoas realmente precisarem deles. Apenas 37,8% manifestam essa expectativa. Os mais jovens são os que menos confiam. Neste

ponto, a experiência de ter sido roubado e/ou de ter um familiar assassinado reduz um pouco a confiança das vítimas na PM quando comparada à média. Para 58,5% dos residentes, a PM não escuta os moradores e não compreende os problemas que afetam as comunidades. 41,5% acreditam, pelo contrário, que a PM escuta os moradores e compreende os problemas da comunidade. Também nesse ponto, observamos um padrão: as mulheres são mais críticas que os homens frente à PM; os jovens são muito mais críticos quando comparados aos mais velhos e as pessoas com formação superior e com melhor renda avaliam melhor a PM quando comparadas com aqueles de baixa escolaridade e baixos salários. 55,7% não avaliam que a PM esteja tomando decisões que sejam boas para toda a cidade, contra 44,3% dos que manifestam esse sentimento. Mulheres confiam menos do que os homens e jovens de 16 a 24 anos são os que menos confiam. A diferença no padrão apareceu quanto à variável escolaridade: neste ponto, a avaliação de que a Brigada Militar está tomando decisões boas para toda a cidade é maior entre os que possuem educação fundamental do que entre os que possuem educação superior. Para 54,8% dos entrevistados, os policiais militares são, como regra, mal preparados para o trabalho que realizam. 45,2% entendem que eles são, como regra, bem preparados. Os mais jovens, novamente, possuem as avaliações mais negativas.

c) Trabalho da Polícia Civil

1. Percepção sobre equidade da abordagem

82,5% dos que procuraram a Polícia Civil entendem que os policiais lhe ofereceram um tratamento equitativo, contra 17,5% que se consideraram tratados de forma não equitativa. O público com formação superior é mais crítico nesse quesito, com 73,6% de avaliações positivas. Já entre os que possuem o nível fundamental, as avaliações positivas alcançam 93,5%. 74,6% dos que procuraram auxílio declararam que os policiais civis responderam satisfatoriamente as suas perguntas, 25,4% entenderam que não.

2. Quando a Polícia Civil é procurada pelos residentes

Nos últimos 12 meses, 17,7% dos entrevistados (aproximadamente, **210 mil pessoas**) procuraram a Polícia Civil. Pessoas com renda entre 3 e 5 salários procuraram o auxílio da PC com mais frequência. Entre aqueles que procuraram auxílio da PC, 40,7% se declararam insatisfeitos com o atendimento recebido; 38,4% se declararam satisfeitos e 20,9% se declararam “nem satisfeitos nem insatisfeitos”. Entre os que procuraram a Polícia Civil, 81,4% declararam terem sido tratados de forma respeitosa, com 18,6% declarando terem tido uma experiência de tratamento desrespeitoso. 61,6% dos entrevistados entendem que a Polícia Civil não está fazendo

um bom trabalho com os moradores para resolver problemas; 38,4% acreditam o contrário. As melhores avaliações nesse quesito são oferecidas pelas pessoas com o ensino fundamental. Para 57,7% dos entrevistados, a Polícia Civil não tem conseguido bons resultados, nem contribuído para a redução do crime; 42,3% da mostra pensa ao contrário. As opiniões mais críticas nesse ponto estão concentradas entre os jovens, particularmente na faixa de 16 e 17 anos. Para 55,2% dos entrevistados, os policiais civis são, como regra, bem preparados para o trabalho que realizam. 44,8% entendem que eles não são, como regra, bem preparados. Os que recebem entre 1 e 2 salários avaliam melhor os policiais civis quando comparados aos que recebem mais de 6 salários mínimos. As experiências de ter sido vítima de roubo, ter sido agredido e/ou de ter um familiar assassinado, ao contrário do que ocorre com a PM, influenciam negativamente na avaliação dos residentes sobre o trabalho da Polícia Civil.

3. Avaliação da Polícia Civil

Para 58,1% dos entrevistados não há como esperar que os policiais civis estarão disponíveis quando as pessoas realmente precisarem deles. Apenas 41,9% manifestam essa expectativa. Os mais jovens são os que menos confiam. Novamente, se observa que a experiência de ter sido roubado, de ter sido agredido e/ou de ter um familiar assassinado reduz significativamente a confiança das vítimas na PC. Para 61,9% dos residentes, a PC não escuta os moradores e não compreende os problemas que afetam as comunidades. 38,1% acreditam, pelo contrário, que a PC escuta os moradores e compreende os problemas da comunidade. Os jovens são mais críticos quando comparados aos mais velhos e as pessoas com formação superior avaliam melhor a PC quando comparadas com aqueles de menor escolaridade. 55,2% não confiam que a PC esteja tomando decisões que sejam boas para toda a cidade, contra 44,8% dos que manifestam essa confiança. Os jovens são os que menos confiam.

Percepção sobre a honestidade dos policiais

Questões:

121 e 125 – Com base naquilo que o(a) Sr.(a) sabe sobre a Polícia (Militar e Civil) e em sua própria experiência, seria correto dizer que:

(1) Há muitos policiais desonestos que aceitam propinas, desrespeitam a lei e se associam ao crime. Infelizmente, esse fenômeno não pode mais ser concebido como “casos isolados”. A Polícia não tem mais exercido o devido controle sobre os maus policiais, o que deixa os bons policiais em risco

(2) São muito raros os casos de policiais desonestos. Quase todos os Policiais agem de acordo com suas obrigações e não aceitam propinas. Eventuais casos de desvio de conduta seguem sendo investigados com rigor e são exemplarmente punidos pela corporação

Percepção da honestidade policial: Não há diferença estatística significativa quanto à percepção sobre honestidade para as duas polícias, como se vê no quadro abaixo

| | BRIGADA MILITAR | POLÍCIA CIVIL |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|---------------|
| Há muitos policiais desonestos que aceitam propinas, desrespeitam a lei e se associam ao crime. | 37,0 | 37,5 |
| São muito raros os casos de policiais desonestos. | 63,0 | 62,5 |
| Total (%) | 100,0 | 100,0 |
| Total de casos | 921 | 786 |

Avaliação por perfil

- **IDADE:**

BM: Pessoas mais jovens têm mais chances de considerar os policiais militares como desonestos, em comparação com pessoas mais velhas, especialmente aquelas acima de 59 anos⁸.

| | BRIGADA MILITAR | |
|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|
| | Há muitos policiais desonestos que aceitam propinas, desrespeitam a lei e se associam ao crime. | São muito raros os casos de policiais desonestos. |
| 16 a 17 anos | 40,0% | 60,0% |
| 18 a 24 anos | 55,4% | 44,6% |
| 25 a 39 anos | 43,2% | 56,8% |
| 40 a 59 anos | 32,7% | 67,3% |
| Mais de 59 anos | 20,5% | 79,5% |

Percepção sobre violência policial

Questões:

120 e 124 – Com base naquilo que o(a) Sr.(a) sabe sobre a polícia (BM ou PC) e em sua própria experiência, seria correto dizer que:

(1) *Os Policiais Militares agem comumente de forma violenta e desrespeitosa, mesmo em situações em que não é necessária uma resposta mais rigorosa. Como regra, não são punidos por isso*

(2) *Os Policiais Militares não são violentos, agindo, como regra, de forma respeitosa com as pessoas. Eventuais situações de abuso de autoridade são prontamente investigadas e seus autores punidos*

Avaliação da violência policial: Um percentual maior de entrevistados considera que a Brigada Militar age comumente de forma violenta (41,3%), em comparação com o percentual de entrevistados que consideram a Polícia Civil violenta (27,6%).

⁸ Teste realizado: Regressão Logística. Sig = 0,000.

| | BRIGADA MILITAR | POLÍCIA CIVIL |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|---------------|
| Os Policiais agem comumente de forma violenta e desrespeitosa | 41,3% | 27,6% |
| Os Policiais não são violentos, agindo, como regra, de forma respeitosa com as pessoas. | 58,7% | 72,4% |
| Total (%) | 100,0 | 100,0 |
| Total de casos | 854 | 815 |

Avaliação por perfil

- **IDADE:**

BM: Pessoas mais jovens, especialmente entre 18 e 24 anos, mas também adultos entre 25 e 39 anos tem mais chances de considerar a Brigada Militar como violenta e desrespeitosa em sua ação, se comparados aos mais velhos⁹.

PC: Pessoas com idade acima de 59 anos têm menos chances de considerar os policiais Cíveis violentos e desrespeitosos, se comparados às pessoas mais jovens. Não foi observada diferença estatisticamente significativa entre as demais faixas de idade¹⁰.

| | BRIGADA MILITAR | | POLÍCIA CIVIL | |
|------------------------|---------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| | Os Policiais agem comumente de forma violenta e desrespeitosa | Os Policiais não são violentos, agindo, como regra, de forma respeitosa com as pessoas. | Os Policiais agem comumente de forma violenta e desrespeitosa | Os Policiais não são violentos, agindo, como regra, de forma respeitosa com as pessoas. |
| 16 a 17 anos | 55,2% | 44,8% | 26,9% | 73,1% |
| 18 a 24 anos | 58,9% | 41,1% | 35,5% | 64,5% |
| 25 a 39 anos | 48,1% | 51,9% | 29,6% | 70,4% |
| 40 a 59 anos | 37,4% | 62,6% | 27,2% | 72,8% |
| Mais de 59 anos | 20,8% | 79,2% | 18,4% | 81,6% |

⁹ Teste realizado: Regressão Logística. Sig = 0,000.

¹⁰ Teste realizado: Regressão Logística. Sig = 0,027.

- **COR:**

BM: Pessoas negras têm mais chances de considerar a Brigada Militar como violenta e desrespeitosa, se comparadas a pessoas brancas e pardas¹¹.

PC: Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre negros, pardos e brancos para esta questão.

| | BRIGADA MILITAR | |
|--------|---------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| | Os Policiais agem comumente de forma violenta e desrespeitosa | Os Policiais não são violentos, agindo, como regra, de forma respeitosa com as pessoas. |
| Branco | 39,2% | 60,8% |
| Negro | 51,5% | 48,5% |
| Pardo | 37,4% | 62,6% |

- **ESCOLARIDADE:**

BM: Pessoas com menor escolaridade (até fundamental completo) têm mais chances de considerar a ação da Brigada Militar como sendo violenta e desrespeitosa, se comparados a pessoas com ensino superior. Não se observa diferença estatisticamente significativa entre pessoas com ensino fundamental e pessoas com ensino médio¹².

PC: Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de escolaridade para esta questão.

| | BRIGADA MILITAR | |
|------------------------|---------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| | Os Policiais agem comumente de forma violenta e desrespeitosa | Os Policiais não são violentos, agindo, como regra, de forma respeitosa com as pessoas. |
| Ensino Fundamental | 47,4% | 52,6% |
| Ensino Médio | 40,3% | 59,7% |
| Ensino Superior | 36,2% | 63,8% |

¹¹ Teste realizado: Regressão Logística. Sig = 0,009.

¹² Teste realizado: Regressão Logística: Sig = 0,041.

- **RENDA:**

BM: Pessoas com renda mais baixa têm mais chances de avaliar a atuação da Brigada Militar como violenta e desrespeitosa, em comparação com pessoas com faixa de renda mais altas, acima de seis salários mínimos¹³.

PC: Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a avaliação da Polícia Civil.

| | BRIGADA MILITAR | |
|---------------------|---------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| | Os Policiais agem comumente de forma violenta e desrespeitosa | Os Policiais não são violentos, agindo, como regra, de forma respeitosa com as pessoas. |
| 1 a 2 SM | 41,6% | 58,4% |
| 3 a 5 SM | 45,2% | 54,8% |
| Mais de 6 SM | 29,8% | 70,2% |

Com base nas questões comuns às duas polícias e lidando com as médias dos percentuais de satisfação apurados para os temas investigados, chegamos ao Indicador de Confiança nas Polícias (ICPol), conforme tabela abaixo. Foram consideradas apenas respostas válidas para as questões, excluindo casos de “não sabe” / “não respondeu”.

¹³ Teste realizado: Regressão Logística: Sig = 0,006.

d) Indicador de confiança nas polícias - ICPol

| BRIGADA MILITAR | POLÍCIA CIVIL |
|-------------------------------------------------------------|----------------------|
| Percepção sobre equidade no tratamento recebido | |
| 63,1 | 82,5 |
| Satisfação com o atendimento recebido | |
| 34,6 | 38,4 |
| Perguntas respondidas de forma satisfatória | |
| 66,0 | 74,6 |
| Resolução de problemas | |
| 43,7 | 38,4 |
| Expectativa de disponibilidade dos policiais | |
| 37,8 | 41,9 |
| Interação com os residentes | |
| 41,5 | 38,1 |
| Qualidade das decisões tomadas pelas instituições policiais | |
| 44,3 | 44,8 |
| Preparação dos policiais | |
| 45,2 | 55,2 |
| Policiais não são violentos | |
| 58,7 | 72,4 |
| Honestidade dos policiais | |
| 63,0 | 62,5 |
| Resultados contra o crime | |
| 43,6 | 42,3 |
| ICPol | |
| 49,2 | 53,7 |

e) Evolução da Segurança Pública nos últimos 12 meses em Porto Alegre

Para **57,3%** dos residentes, a situação da Segurança Pública em Porto Alegre **piorou** nos últimos 12 meses. Para **32,7%**, **ficou na mesma** e para **9,3%**, **melhorou** (0,7 não souberam avaliar).

f) Demanda punitiva disseminada e noção de justiça

A questão de número 128 apresentou a seguinte situação:

Imagine que uma casa foi arrombada quando não havia ninguém dentro dela. O autor, que estava desempregado há dois anos, agiu junto com um amigo, escalando a parede e entrando por uma janela do segundo andar. O resultado do crime foi o furto da TV de plasma que o proprietário, um operário da construção civil, ainda estava pagando. Em sua opinião, qual a pena que lhe parece mais justa para este caso: (Escolha a alternativa que mais se aproxima de sua opinião)

Foram oferecidas aos entrevistados quatro alternativas como respostas jurídicas, conforme disposto no quadro abaixo:

1. Condenação do autor a trabalhos forçados por 3 anos, em prisão de segurança máxima, sem direito a visitas.
2. Condenação do autor a 5 anos de prisão em regime fechado.
3. Condenação do autor à prestação de serviços comunitários de limpeza das ruas, 4 horas por semana, durante seis meses, mediante devolução ao proprietário da TV furtada.
4. Absolvição do autor, mediante devolução da TV furtada, pagamento de indenização à vítima e manifestação sincera de arrependimento.

49,1% dos entrevistados escolheram a alternativa 3; 16,8% escolheram a alternativa 1, a mais rigorosa (com solução vetada pela Constituição Federal); 27% marcaram a alternativa 2, que mais se aproxima do previsto por nosso Código Penal e 7,1% opção 4, a menos gravosa entre todas (com solução restaurativa não prevista no Brasil).

A questão sugere que as visões mais punitivistas são minoritárias na sociedade – ao contrário do que se poderia imaginar. Talvez demonstre, também, que, diante de alternativas de justiça, as pessoas tendem a responder de forma mais moderada, orientadas pelo resultado a ser alcançado.

Pessoas com **menor grau de escolarização** (até ensino fundamental completo) tendem a apresentar maior **demanda punitiva** se comparados a pessoas

com nível de escolarização superior. Não há diferença estatisticamente significativa entre entrevistados com ensino fundamental e ensino médio¹⁴. Abaixo podemos observar a distribuição dos entrevistados por escolaridade e demanda punitiva (Maior demanda punitiva e Menor demanda punitiva¹⁵):

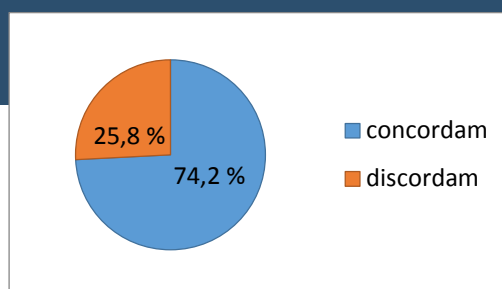
| | Maior demanda punitiva | Menor demanda punitiva | Total |
|------------------------|-------------------------------|-------------------------------|---------------|
| Ensino Fundamental | 47,3% | 52,7% | 100,0% |
| Ensino Médio | 45,2% | 54,8% | 100,0% |
| Ensino Superior | 37,5% | 62,5% | 100,0% |

Sexo, idade, cor/raça, renda familiar e religião não apresentaram diferença estatisticamente significativa entre os grupos (sig. > 0,05). As experiências de vitimização por roubo, agressão física e/ou de ter um familiar assassinado não tornaram as opiniões dos entrevistados mais rigorosas.

g) Concordância/discordância sobre afirmações polêmicas

Ao final do estudo, apresentamos aos residentes algumas frases que sintetizam diferentes posições com trânsito na sociedade brasileira sobre temas polêmicos. Excluindo a pequena margem dos que não responderam, os resultados foram os seguintes:

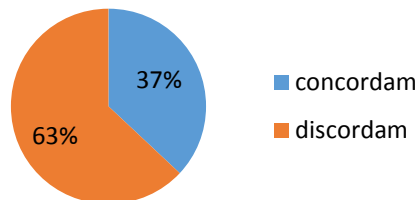
1. Crianças podem e devem ser educadas sem que os pais batam nelas.



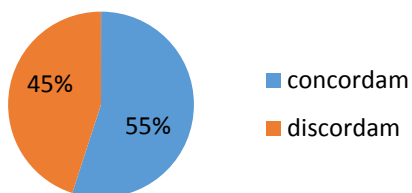
¹⁴ Teste utilizado: Regressão Logística. Significância do modelo = 0,050.

¹⁵ As variáveis foram construídas da seguinte forma, considerando a P 128 do questionário: Opção 1 e Opção 2 = Maior demanda punitiva; Opção 3 e opção 4 = Menor demanda punitiva.

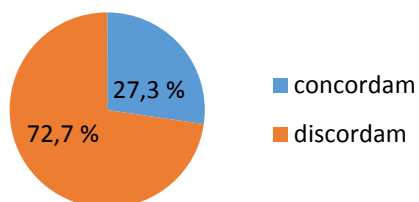
2. Há situações onde algumas **mulheres** se comportam de tal forma que é como se estivessem pedindo para serem estupradas.



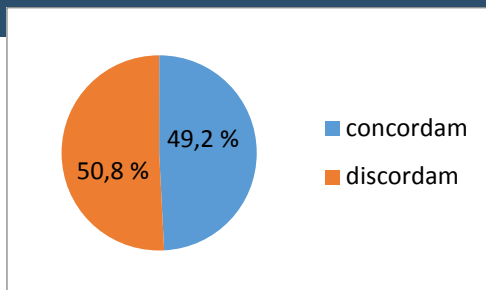
3. **Quotas raciais** que beneficiam pessoas negras no mercado de trabalho ou no acesso ao ensino superior são equivocadas e expressam um privilégio racista.



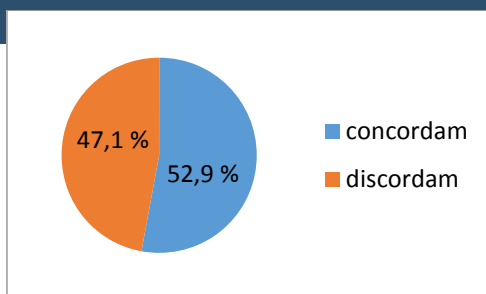
4. **Gays e lésbicas** são, como regra, pessoas que mantêm uma vida promíscua.



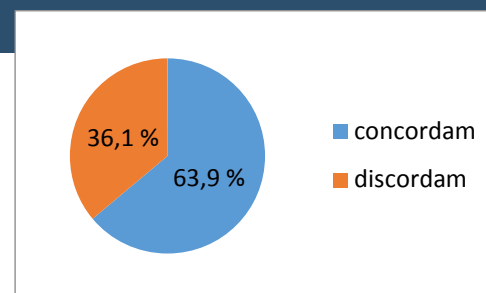
5. Um dos problemas mais sérios do Brasil é a violência que acompanha o tráfico de drogas. Para superar esse problema, o Brasil deveria debater a possibilidade de legalizar pelo menos a maconha.



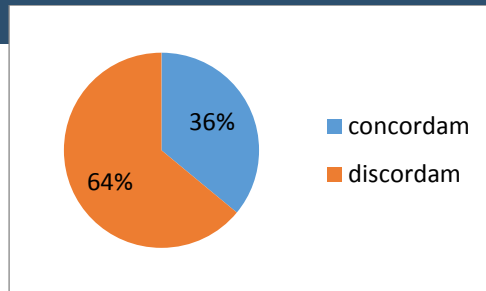
6. Quando um traficante ou algum criminoso perigoso é preso, não deveria haver problema legal se a polícia o matasse.



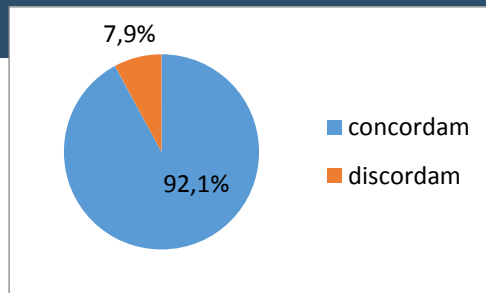
7. Se o Brasil aprovar uma lei permitindo que as pessoas andem armadas nas ruas, teremos muito mais mortes do que temos hoje.



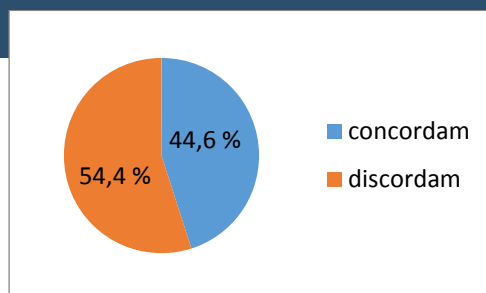
8. Em alguns casos, deveria ser permitido que a **polícia torturasse** suspeitos **para que eles revelassem informações importantes.**



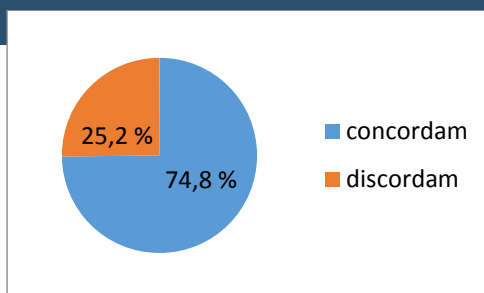
9. Para reduzir o número de crimes e a violência é preciso assegurar **os direitos das crianças e dos adolescentes, garantindo-lhes** escola de qualidade e alternativas de lazer e cultura.



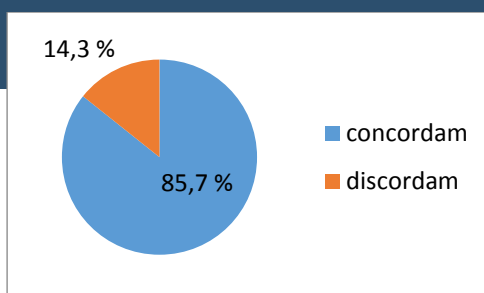
10. O **aborto** não deveria ser considerado um crime se realizado até o final do **3º mês de gestação** como ocorre em muitos países do mundo.



11. A democracia, mesmo com seus problemas e limites, é o melhor sistema de governo.



12. O futuro do Brasil dependerá muito de como votarão os eleitores.



A análise dessas respostas por suas variáveis, com os respectivos cálculos de significância estatística, revela algumas surpresas. Assim, por exemplo, as evidências encontradas revelaram que há um contingente expressivo de mulheres com posições mais conservadoras do que os homens em alguns temas comportamentais.

IV. Analisando alguns dados

a) Culpabilização das mulheres pelo estupro

Na frase sobre as mulheres que agem como “se pedissem para ser estupradas”, a ampla maioria dos residentes discordou da afirmação evidentemente machista, mas as mulheres concordaram mais do que os homens com a frase (40% delas concordaram, contra 33,5% de concordância masculina). A taxa de maior concordância nesse tema (51%) se deu entre as pessoas acima de 59 anos (homens e mulheres), contra uma taxa de concordância de 20,6% entre os jovens de 16 e 17 anos. As pessoas com renda entre 1 e 2 salários concordaram mais (40,6%) do que as pessoas com renda de mais de 6 salários (34,5%). Entre os religiosos, os evangélicos tiveram as taxas de maior concordância (47,9%).

SEXO: As chances de um homem concordar com a afirmação são menores do que as chances de uma mulher concordar com a afirmação¹⁶.

IDADE: Há relação estatisticamente significativa entre concordar ou não com a afirmação e a faixa etária dos entrevistados. Jovens entre 17 e 18 anos têm maior chance de discordar da afirmação se comparados aos entrevistados com mais de 40 anos. Para cada ano que a idade do entrevistado aumenta, aumenta em 2,6% a chance de o entrevistado concordar com a afirmação¹⁷.

ESCOLARIDADE: As chances de pessoas com ensino superior concordarem com a afirmação são **MENORES** se comparadas a pessoas com menor escolaridade - ensino fundamental completo ou menos. Não há diferença estatisticamente significativa entre pessoas com ensino fundamental e pessoas com ensino médio¹⁸.

RELIGIÃO: Em comparação com pessoas que se dizem ateias ou que não professam nenhuma religião, observa-se diferença na chance em concordar com a afirmação para católicos e evangélicos pentecostais: **evangélicos pentecostais têm quase três vezes mais chances** de concordar com a afirmação; já **católicos têm duas vezes mais chances de concordar com a afirmação**. Não há diferença estatisticamente significativa entre ateus/sem religião e pessoas das demais confissões religiosas investigadas¹⁹.

¹⁶ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,058.

¹⁷ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,000.

¹⁸ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,018.

¹⁹ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,001.

b) Legalização do aborto

No tema do aborto, que segue dividindo as opiniões, o percentual de concordância dos homens com a legalização do aborto foi de 48,7%. O percentual de concordância entre as mulheres foi menor, 41,2%. A concordância foi bem maior (58,8%) entre as pessoas com nível superior (homens e mulheres) contra uma concordância com a legalização de 33,3% entre as pessoas de menor escolarização.

SEXO: As chances de uma mulher concordar com a afirmação são MENORES se comparadas às chances de um homem concordar com tal afirmação²⁰.

IDADE: As chances de uma pessoa com faixa etária entre 18 e 24 anos concordar com a afirmação são MAIORES se comparadas às chances de pessoas com mais de 59 anos concordarem com a afirmação²¹.

RELIGIÃO: Embora pessoas de todas as religiões pesquisadas apresentem frequência de resposta conservadora (discorda) maior do que aqueles autodeclarados ateus ou sem religião, há diferença estatisticamente significativa entre ateus/sem religião e evangélicos pentecostais; ateus/sem religião e protestantes; e ateus/sem religião e espíritas. As chances de ateus/sem religião concordarem com a afirmação são maiores se comparadas às religiões citadas²².

ESCOLARIDADE: Pessoas com ensino superior e ensino médio têm mais chances de concordarem com a afirmação se comparadas a pessoas com escolaridade até ensino fundamental completo²³.

²⁰ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,019.

²¹ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,053.

²² Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,031.

²³ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,000.

c) Atribuição de promiscuidade aos homossexuais

Já no ponto da homossexualidade, as mulheres aparecem, na média, com uma posição mais liberal e menos preconceituosa do que os homens. A afirmação que aglutina a orientação homossexual à promiscuidade obteve a discordância da ampla maioria dos residentes, o que confirma uma mudança cultural importante e relativamente recente no Brasil. Entre os que concordaram com a frase homofóbica, 32,3% são homens e 23% são mulheres. Também nesse tema, as pessoas mais velhas, com menor renda e menor escolarização são as mais preconceituosas.

SEXO: Homens têm 59% mais chances de concordar com a afirmação se comparados às mulheres²⁴.

IDADE: Pessoas com idade entre 25 e 59 anos têm menos chances de concordar com a afirmação se comparados a pessoas com mais de 59 anos. Para cada ano que aumenta a idade do entrevistado, a chance de concordar com a afirmação cresce cerca de 1%²⁵.

ESCOLARIDADE: As chances de pessoas com ensino superior concordarem com a afirmação são MENORES se comparadas a pessoas com menor escolaridade - ensino fundamental completo ou menos. Não há diferença estatisticamente significativa entre pessoas com ensino fundamental e pessoas com ensino médio²⁶.

RELIGIÃO: As chances de ateus/sem religião concordarem com a afirmação são MENORES se comparados a católicos e evangélicos pentecostais. Entre ateus/sem religião e pessoas das demais religiões pesquisadas não foi observada diferença estatisticamente significativa²⁷.

²⁴ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,002.

²⁵ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,023.

²⁶ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,006.

²⁷ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,000.

d) Legalização da maconha

No tema da legalização da maconha, as diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis apontaram que os homens são mais inclinados à legalização (53,7%) do que as mulheres (45,2%). Os mais jovens e os que possuem ensino superior são mais favoráveis à legalização.

SEXO: As chances de homens concordarem com a afirmação são maiores em comparação às chances de mulheres concordarem com a afirmação²⁸.

IDADE: As chances de jovens de até 24 anos concordarem com a afirmação são maiores se comparadas às chances de pessoas com mais de 59 anos concordarem com a afirmação²⁹.

ESCOLARIDADE: As chances de pessoas com ensino superior concordarem com a afirmação são maiores em comparação às chances de pessoas com escolaridade até ensino fundamental concordarem com a afirmação. Não há diferença estatisticamente significativa entre pessoas com ensino fundamental e pessoas com ensino médio³⁰.

RELIGIÃO: As chances de ateus/sem religião concordarem com a afirmação é significativamente maior se comparadas às chances de africanistas, evangélicos pentecostais e protestantes concordarem com a afirmação³¹.

e) Contrariedade às cotas raciais

A afirmação contrária às cotas raciais tem mais apoio entre a população mais velha. Em comparação com pessoas na faixa etária de 59 anos ou mais, as chances de jovens entre 17 e 18 anos concordarem com a afirmação é menor. Para cada ano acrescentado à idade do entrevistado, a chance de concordar com a afirmação cresce cerca de 1%³².

²⁸ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,008.

²⁹ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,002.

³⁰ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,031.

³¹ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,000.

³² Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,019.

f) Execução de suspeitos

A opinião dos residentes sobre a afirmação que autoriza a polícia a matar traficantes está dividida, com maioria de 52,9% a favor da pena de morte extrajudicial.

COR: As chances de pessoas autodeclaradas de cor branca concordarem com a afirmação são maiores se comparadas às chances de pessoas autodeclaradas negras concordarem com a mesma afirmação³³.

ESCOLARIDADE: As chances de pessoas com escolaridade até ensino fundamental concordarem com a afirmação são maiores em comparação às chances de pessoas com ensino médio (completo ou incompleto) concordarem com a afirmação. Não se observa diferença estatisticamente significativa na razão de chances entre pessoas com ensino fundamental e pessoas com nível superior³⁴.

g) Acesso a armas de fogo

Respostas a outras questões, entretanto, recomendam cautela. Não necessariamente aquelas pessoas que admitem que a polícia mate um suspeito sem maiores problemas adere a uma plataforma ideológica determinada. É o que se pode ver, por exemplo, na questão sobre a possibilidade de um maior acesso da cidadania às armas de fogo (tema que tem sido proposto pela chamada “bancada da bala” no Congresso Nacional).

A ampla maioria dos respondentes (63,9%) concorda que medidas nessa direção só agravariam o quadro de violência letal; posição que é amparada por uma consistente tradição de pesquisas em todo o mundo, mas que não é comum na mídia e nos discursos políticos. As chances de mulheres concordarem com a afirmação são maiores em comparação às chances de homens concordarem com a mesma afirmação³⁵.

h) Tortura

Também o tema da tortura parece demonstrar que chegamos a um marco civilizacional do qual a ampla maioria não está disposta a abrir mão. Assim, 64% discordam da possibilidade da polícia lançar mão da tortura, ainda que para apurar “informações importantes”. Se tivermos em conta a realidade da insegurança pública de Porto Alegre e a densidade dos discursos de ódio, tais respostas parecem oferecer razões para a esperança.

³³ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,010.

³⁴ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,004.

³⁵ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,026.

i) Confiança na democracia

A **PV POA I** concluiu com afirmações que procuraram medir o grau de confiança da população na democracia. As duas frases utilizadas – sobre o próprio sistema e sobre a relevância do voto – são, com pequenas variações, constantes em estudos internacionais como o Latinobarômetro (<http://www.latinobarometro.org/latNewsShow.jsp>), por exemplo, o que permite comparar resultados. Para esse levantamento, aliás, o mais amplo e sistemático na América Latina, o apoio à democracia cresceu no Brasil em 2017, alcançando 43% (taxa média na AI é de 53%). A concordância de 74,8% dos residentes com a afirmação de que a democracia é o melhor sistema de governo (“democracia churchuliana” apoiada por 69% dos latino-americanos e por 62% dos brasileiros em 2017) é, nesse contexto, surpreendente e alvissareira. Da mesma forma, a ideia, compartilhada por 85,7% dos entrevistados, de que o futuro do Brasil dependerá em muito de como os eleitores votarão autoriza a esperança em uma renovação do processo político no Brasil pela via democrática.

Pessoas com escolaridade superior têm três vezes mais chances de valorizar a democracia se comparadas as pessoas com escolaridade menor (até fundamental completo). Pessoas com escolaridade média não apresentaram variação significativa se comparadas à entrevistados com escolaridade de nível médio³⁶.

Pessoas com escolaridade mais baixa (até fundamental completo) têm menos chances de valorizarem o voto se comparadas aos entrevistados com ensino médio e ensino superior³⁷.

³⁶ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,000.

³⁷ Teste utilizado: regressão logística. Significância do modelo = 0,045.

Instituto Cidade Segura

Comissão Executiva

Marcos Rolim
presidente

Tâmara Biolo Soares
vice-presidente

Alberto Kopittke
diretor executivo

Monica Vasconcelos Delfino Rodrigues
secretária

Cristina Gross Villanova
2ª secretária

Tatiana Coester
tesoureira

Marcos Antônio Bosio
2º tesoureiro

Luciano Elias Bruxel
presidente do Conselho Administrativo

Conselho Fiscal

Gabriela Salvarrey
Cristina Russomano Freire
Tiago Holzmann da Silva
Rafael Diogo dos Santos
Maura Basso
Cristiane Marzotto



INSTITUTO
**CIDADE
SEGURA**

INOVAÇÃO EM SEGURANÇA

1º PESQUISA
DE VITIMIZAÇÃO
DE PORTO ALEGRE